

**LINGUÍSTICA TEXTUAL E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE:  
ANÁLISE DA INTENÇÃO PRAGMÁTICA CONTIDA  
EM ENUNCIADOS TÍPICOS E COTIDIANOS  
DA/NA LINGUAGEM DE PROFESSORES**

*Priscila Venâncio Costa* (UFT)

[priscilavenancio@gmail.com](mailto:priscilavenancio@gmail.com)

*Rosélia Sousa Silva* (UFT)

[roseliasousasilva09@mail.uft.edu.br](mailto:roseliasousasilva09@mail.uft.edu.br)

**RESUMO**

Com o presente texto, pretendemos realizar uma breve abordagem analítico-reflexiva, à luz da Linguística Textual, das intenções pragmáticas contidas em discursos cotidianos proferidos por professores em contextos de produção em sala de aula, tendo como o *corpus* de pesquisa as frases “A porta está aberta e Quando eu era aluno, a gente respeitava o professor”, selecionadas na *internet* por meio da ferramenta de busca do *Google*. Para isso, realizamos incursão em alguns referenciais teóricos tais como John Austin, Mikhail Bakhtin, Paul Grice e Oswald Ducrot que nos auxiliaram na observação da Pragmática no processo comunicacional e nas realizações do ser humano por meio dos atos de fala. Como discussões e resultados, obtivemos uma visão singular das intenções pragmáticas no contexto de produção recortado para análise, propiciando-nos momentos de relevante reflexão acerca da abrangência significativa dessas intenções.

**Palavras-chave:**

Análise. Linguística Textual. Produção de Subjetividade.

**ABSTRACT**

With this text, we intend to carry out a brief analytical-reflective approach, in the light of Textual Linguistics, of the pragmatic intentions contained in everyday speeches given by teachers in contexts of production in the classroom, having, as the research corpus the phrases, the phrases “The door is open and When I was a student, we respected the teacher” selected on the internet through the Google search engine. For this, we made a foray into some theoretical references such as John Austin, Mikhail Bakhtin, Paul Grice and Oswald Ducrot that help us in the observation of Pragmatics in the communication process and in the human being's achievements through speech acts. As discussions and results, we obtained a unique view of pragmatic intentions in the context of production cut out for analysis, providing us with moments of relevant reflection on the significant scope of these intentions.

**Keywords:**

Analyze. Textual Linguistics. Production of Subjectivity.

## **1. Introdução**

A pragmática, sendo concebida como ciência que estuda o uso concreto da linguagem pelos falantes da língua nos seus diversos contextos, implica a observação da relação existente entre o significado das palavras, os interlocutores e o contexto. Nessa perspectiva, para compreender melhor o objetivo de estudo dessa ciência, relacionada ao texto, partimos, aqui, do pressuposto dado por Ingedore Koch (1995), segundo o qual o texto é tratado, não como uma estrutura acabada, mas como parte do processo global, sendo algo muito mais além do texto em si, e abordado, portanto, no próprio processo de seu planejamento, verbalização e construção.

Assim sendo e, partindo do entendimento de que a Linguística Textual vislumbra o texto como uma unidade em que estão implicados os processos intencionais e as atividades dos falantes como produtores conscientes de um texto, temos que, toda análise supõe que o texto seja uma unidade, isto é, o texto e seu contexto imediato devem ser levados em consideração como os aspectos na realização de sua leitura e interpretação.

Nessa linha de consideração, propomo-nos ao interessante labor de analisar frases curtas – selecionadas de sites da internet através da ferramenta de busca do Google – comumente proferidas por professores nos seus ambientes de trabalho. Para tanto, refletimos, pesquisamos e analisamos alguns enunciados que são frequentemente ouvidos pelos alunos e comumente expressados pelos professores nas interações de ensino e aprendizagem. Dessas pesquisas, fizemos recortes de frases que costumam ser verbalizadas diariamente para a realização de uma concisa análise de possíveis relações existentes entre o significado dessas frases, os interlocutores (professor e alunos) e o contexto (sala de aula); e, especialmente, para refletir sobre o processo de produção de subjetividade nessas sequências de atos de fala.

Esse último interesse, a propósito, advém da consideração de que toda e qualquer atividade comunicativa do professor se constitui como desempenho social e cultural de demonstração e de formação de subjetividade. Em virtude do caráter que assumem suas atitudes e ações – devido a responsabilidades e peculiares atribuídas pelo senso comum à profissão-professor –, há a criação de expectativa singular para as manifestações discursivas do professor, que denotam uma postura social e profissional determinante para intermediar todo um processo de aprendizado e

aprimoramento linguístico social – em todas as suas distintas fases e tipologias – dos indivíduos que estão em constante formação.

Os recortes apresentados foram coletados de publicações generalizadas de redes sociais e foram analisados à luz da Linguística Textual<sup>1</sup>. E os resultados obtidos possibilitaram uma visão singular das intenções pragmáticas em determinadas condições de produção, propiciando-nos momentos de relevante reflexão acerca da abrangência significativa dessas intenções contidas em discursos do cotidiano aqui recortado.

## 2. *Embasamento teórico*

Lançando mão de um acervo de referenciais teóricos que abordam diversos conceitos atrelados à pragmática, tais como John Austin, Mikhail Bakhtin, Paul Grice e Oswald Ducrot, propomos observar a importância da Pragmática dentro do processo comunicacional e o modo como o ser humano pode realizar ações e provocar reações e compreensões por meio dos atos de fala. Dentro desses atos de fala, faz-se um trabalho interessante refletir sobre o quanto a comunicação traz nas “entrelinhas”; os sentidos implícitos no discurso; as forças de sentido dos enunciados. Há marcas de caracterização da linguagem em cada movimento discursivo, há presença de polifonia e de efeitos produzidos por marcadores de pressuposição e há, efetivamente, uma intenção de produção subjetiva em cada movimento do falante.

Com essas leituras e outras leituras mais, conduzimos esta análise à guisa da Linguística Textual, tendo como base a vertente da pragmática que se volta aos estudos de um enunciado levando em consideração o contexto no qual é produzido e a influência da exterioridade na formulação discursiva. Para isso, pautamos na compreensão obtida em Foucault a respeito da imposição da linguagem aos indivíduos:

O homem [...] prescreve regras a seu juízo (a lógica), aos seus discursos (a gramática), aos seus desejos (a moral)”. Nessa obra, até mesmo a linguagem é colocada como algo “que se impõe do exterior aos indivíduos, que ela guia, quer eles queiram quer não, no sentido das noções concretas ou abstratas, exatas ou pouco fundamentais”. (FOUCAULT, 1967, p. 122)

---

<sup>1</sup> Considerando que o *corpus* utilizado nesta análise não revela a identidade e, portanto, não compromete a dignidade e integridade do sujeito produtor, não houve necessidade de submetê-la à apreciação do comitê de ética.

Nesse sentido, a intenção é refletir de que modo se manifesta o discurso do professor na prescrição de regras, na produção de subjetividade e na formação de cidadãos, afinal, entendendo a sala de aula como contexto rico em produção de sentidos, visualizamos, pelo menos teoricamente, o profissional da educação como principal figura e modelo de construção de subjetividade para inúmeros sujeitos que usufruem do contato com a educação formal.

Sobre essa relação com a exterioridade na aquisição da linguagem – por exemplo, com professor, colegas, escola, sala de aula – relevante para a construção do indivíduo, Foucault (1967), especialmente na *Ética/Estética* da existência, compreende que o sujeito se reconhece sob determinadas condições de produção, ele é construído na relação com a exterioridade. “Dessa maneira, Foucault refere-se à objetivação do sujeito como efeito da subjetivação, pelos saberes e pelos poderes que o envolvem”, enfatiza Fernandes (2011), em *Discurso e Produção de Subjetividade em Michel Foucault*.

Portanto, a preocupação pragmática em compreender a relação existente entre o significado das palavras, os interlocutores e o contexto pode ser consideravelmente plausível no discurso do professor quando compreendemos um pouco mais da função da Linguística Textual, por meio da seguinte definição provisória trazida por Marcuschi:

[...] veja a Linguística do Texto [...] como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais. Seu tema abrange [...] o sistema de pressuposições e implicações em nível pragmático da produção do sentido no plano das ações e intenções. [...] deve considerar a organização reticulada ou tentacular, não linear portanto, dos níveis de sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas. (MARCUSCHI, 1983, p. 12-13)

Vemos que na Teoria do Texto (pragmática), há, agora, o interesse em incluir no campo de importâncias a relevância do sentido, a intencionalidade, a ação. Nesse momento, surge a valorização do falante (ou autor) em suas manifestações textuais.

Entretanto, essa ideia inicial passa por transformações que, de uma forma geral, podem ser elencadas em três fases com preocupações teóricas bastante diversas entre si: 1. **análise transfrástica** – em que o texto é definido como sequência coerente de frases e o foco está na relação entre as frases; 2. **gramática de texto** – em que há uma compreensão da descontinuidade entre a frase e o texto e, então, verifica o que faz com

que um texto seja um texto, levanta critérios para a delimitação de textos e diferencia as várias espécies de textos; e 3. **teoria do texto** – essa terceira fase de consolidação da Linguística Textual se estende até a atualidade e aqui a pretensão é estudar o texto e seu contexto pragmático, passando o foco para o conjunto de condições da produção, da recepção e da interpretação do texto.

Nessa última fase, considera-se com mais ênfase a noção de coerência, a qual depende da noção de coesão, mas não se limita nela. A procura agora será identificar não só os aspectos linguísticos, mas a atuação deles no texto e a construção de sentido, na relação entre texto/contexto. Segundo Bentes (2001, p. 65), “o(s) sentido(s) do texto não está/estão no texto em si, mas depende(m) de fatores de diversas ordens: linguísticos, cognitivos, socioculturais, interacionais”.

É nesse contorno da pragmática, pertencente à fase da Teoria do Texto, que realizamos esta análise, pelo interesse, neste momento, de uma teoria que desloque para além do significado das palavras e da construção frástica, ou seja, além de uma abordagem com limites sintático-semântico, sendo esse movimento uma prerrogativa básica estudar as relações entre a língua e o contexto para uma descrição dessa compreensão da linguagem.

A Pragmática é essa teoria que se preocupa em examinar a significação das palavras levando em consideração as seguintes condições: 1 – o contexto em que ocorrem; e 2 – a intenção comunicativa dos interlocutores. É nessa parte da Linguística que se visualiza essas questões consideradas fundamentais.

Podemos perceber, mais claramente, o quanto a pragmática está ligada significativamente ao contexto quando vivenciamos a necessidade de aumentar a compreensão de um dado discurso e, sendo assim, utilizamos a teoria pragmática para obtenção dessa compreensão para além dos significados sintático-semântico, afinal, existe um elemento de ligação entre o texto e a situação no qual ele é produzido.

Dessa forma, para um entendimento mais complexo do contido no texto é necessário ir além do que é escrito ou dito, compreendendo que o contexto influencia, significativamente, a totalidade das construções de sentido no qual o texto está inserido.

Esse funcionamento discursivo, dado na análise que considera o contexto, é relevante na compreensão da produção de subjetividade. A

linguagem produz subjetividade no mesmo movimento em que é por ela produzida, sendo, assim, constituída por um conjunto de enunciações; o importante é o que acontece no discurso – o acontecimento do discurso. A relação entre a função, o acontecimento e a subjetividade de cada momento discursivo é dada como de relevância primordial. Essa nova percepção do texto como funcional, contextual e carregado de possíveis múltiplos valores sociais e comunicacionais é afirmado nas seguintes palavras de Koch (2017):

[...] Passam a interessar os “textos-em-funções”. Isto é, os textos deixam de ser vistos como produtos acabados, que devem ser analisados sintática ou semanticamente, passando a ser considerados elementos constitutivos de uma atividade complexa, como instrumento de realização de intenções comunicativas e sociais do falante. (KOCH, 2017, p. 27)

Cada movimento discursivo do professor em sala de aula é carregado de intencionalidades especialmente produzidas e direcionadas àqueles interlocutores distintos (seus alunos) e a sala de aula influencia, em alguns menos, em outros mais, a postura dos envolvidos nesse discurso. E esse contexto é considerado fundamental para uma reflexão pragmática dos atos discursivos, sendo assim, é nesse sentido e nessa relação que conduzimos esta análise, sob a ótica da Pragmática, refletindo sobre as intenções comunicativas nas falas do professor, focalizando o contexto de produção em que elas são produzidas.

### **3. *Incursão na Análise***

O corpus de análise deste trabalho é composto pelas frases “A porta está aberta e Quando eu era aluno, a gente respeitava o professor”, selecionadas na *internet* por meio da ferramenta de busca do Google. Tais frases, dentre outras, representam enunciados comumente produzidos por professores em contexto de sala de aula. O intuito com intuito de analisá-lo, levando em consideração os pressupostos da teoria da Pragmática, ou seja, a intenção é observar os atos de fala e suas implicações sociais e culturais.

Embora as frases tenham sido coletadas em textos popularmente divulgados na internet, tendo, em virtude desse aspecto, um caráter mais empírico, elas representam uma realidade e atribuem uma identidade aos profissionais em questão, passando a circular como palavras de ordem enunciadas por um sujeito situado em uma dada categoria e contexto profissional.

Passemos, então, à análise pragmática das frases abaixo:

Enunciado 1

– “**A porta está aberta!**”

O enunciado acima é proferido cotidianamente por grande parte de professores, especialmente os da educação básica, no seguinte contexto: sala de aula, com um ou mais alunos em postura indisciplinar. O efeito prático dessa frase pode ser detectado quando se atenta aos elementos linguísticos: uma oração simples, composta por um verbo de ligação e concluída com um ponto de exclamação, que verbaliza, com tom imperativo, uma ordem ou um pedido mais enfático.

Temos, então, a situação discursiva em que o professor, deparando-se com a postura de um ou mais alunos que prejudicam o andamento esperado para a aula e, supomos, após solicitada mudança de comportamento, profere a frase em tom de **ameaça** clara, buscando implicar uma ação que deve ser tomada pelo(s) aluno(s) interlocutor(es).

Ou seja, embora o professor não tenha solicitado explicitamente na frase que o(s) aluno(s) se retirasse(m) da sala, há uma dimensão ilocutiva que é a “sugestão” do professor (porta aberta para que aquele que não se enquadre no comportamento permitido/desejado, para o momento, saia da sala).

Há na pequena frase um contexto que influencia significativamente na compreensão específica, sendo que, em outro contexto, poderia não designar ameaça, por exemplo. O que ocorre é que, fazendo parte do contexto escolar, sabendo das regras pré-estabelecidas pelo professor para o desenvolvimento das aulas e havendo a publicidade de uma possível normativa na escola, o(s) aluno(s) têm conhecimento prévio a ser buscado para compreender a frase do professor como um significado específico para aquela situação: se não cumprir as normas será preciso sair da sala de aula.

A postura de um professor dentro da sala aula se baseia na busca por uma condução comportamental de seus alunos (sendo que cada professor ou cada aula distinta pode ser esperada/buscada também distintos comportamentos, o que depende de cada professor) e a maneira como desenvolve cada momento discursivo pode provocar ou não em seus interlocutores mudanças de posturas, pensamentos, atitudes que podem modificar o ambiente a partir da mudança de posicionamentos de seus alunos. Nesses casos, percebemos, claramente, o quanto os atos discursi-

vos do professor podem se configurar como fundamentais na produção de subjetividade em sala de aula.

Enunciado 2

– “**Quando eu era aluno, a gente respeitava o professor.**”

Iniciando pelos elementos linguísticos que compõem o enunciado, vemos que o advérbio de tempo com o verbo de ligação conjugado no passado, já trazem uma informação de mudança de época, evidenciando que aquela faixa etária vivida pelo(s) interlocutor(es) já foi vivida pelo professor. Em “a gente” visualizamos um elemento dêitico que simboliza os alunos da época em que o enunciador era aluno. Essa ênfase trazida pelo elemento dêitico instiga aos interlocutores que, na posição de alunos, precisam respeitar o professor.

Praticamente todo professor profere essa frase como indicação de que, naquele presente momento, não está havendo respeito para com o professor. Vejamos que, num contexto de sala de aula, com alunos de pensamentos e educações divergentes trazidos de casa, há no enunciado do professor um **desabafo** sobre a necessidade de ser respeitado, isso decorre dos reais e recorrentes acontecimentos dentro das unidades escolares: a falta de respeito com o professor.

Num contexto de sala de aula a verbalização deste enunciado significa que o locutor está pedindo aos interlocutores que haja respeito. Algo não está sendo praticado como demanda a existência de determinadas atitudes para a construção de boas relações entre as partes. O enunciado, carregado de significados explícitos e implícitos, é uma crítica do professor às posturas atuais em relação a esse profissional. Esse ato discursivo pode configurar uma construção de subjetividade da qual o aluno não teve oportunidade ou não se atentou antes. É sempre possível que, em todos os atos de falas e comportamentos de um professor, haja um interlocutor construindo subjetividades.

#### **4. Considerações finais**

Com a realização desta análise foi possível perceber alguns elementos que levam a entender o porquê do contexto ser fator de produção de sentidos: a relação do indivíduo com o mundo influencia sua atividade comunicativa – há uma intencionalidade distinta para cada ato discursivo a depender do contexto no qual ele é produzido.



Ao analisar esses poucos tópicos discursivos, percebemos que os textos só são compreendidos ou completamente compreendidos, quando se leva o contexto em consideração, há entendimento a ser coletado também no ambiente discursivo e todos os elementos linguísticos envolvidos têm a intenção de passar uma mensagem.

Considerando a forte intenção ilocucionária, os enunciados analisados se configuram como atos de fala, em virtude de o locutor ter um objetivo, uma intencionalidade em sua enunciação, pretendendo demonstrar poder, ordem, pedido, protesto, desabafo, conselho aos interlocutores envolvidos no discurso.

Tal consideração é reafirmada à esteira da Linguística Textual, segundo a qual o sentido das palavras é transparente; o texto, formado por várias frases e vocábulos, pode ser decomposto e analisado pelo modo como esses componentes nele estão articulados. Diante dessa amplitude de decomposição, diferentes abordagens têm modos distintos de ver a língua e, conseqüentemente, o texto.

Contudo, ressaltamos, pois, que, mesmo dentro da Linguística Textual as análises podem ser ampliadas, partindo para os limites de outras teorias e verificando outros significados de cada frase aqui sucintamente analisada. Neste trabalho, consideramos alcançado o objetivo de refletir sobre os enunciados em recorte dentro do território da teoria pragmática.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTES, A. C. Linguística textual. In: MUSSALIM, F; BENTES, A.C. (Org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Discurso e Produção de Subjetividade em Michel Foucault1. (UFU-CNPq) Disponível em: <http://www.foucault.ileel.ufu.br/ledif/publicacoes/discurso-e-producao-de-subjetividade-em-michel-foucault>. Acessado em 13/05/2018.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). *Ética, sexualidade, política*. Trad. de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas*. Trad. de António Ramos Rosa. Lisboa: Portugalíia, 1967. Uberlândia-MG, ano 2, artigo n. 1, 2011.

GUATTARI, Félix. *Caosmose – um novo paradigma estético*. São Paulo: Edições 34, 2006.

KOCH, Ingedore G. V. Linguística Textual: Quo Vadis?. *Revista Delta*, edição especial, 2001.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Linguística Textual: Trajetória e grandes temas*. 2. ed., 1ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguística de Texto: o que é e como se faz*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1983.

Outra fonte:

As frases mais comuns que os professores falam em sala de aula. Quem disse. Disponível em: As frases mais comuns que os Professores falam em sala de aula. Acessado em 13/05/2018.